

---

# RITUAL, LUTO E MEMÓRIA NO DIA DE FINADOS EM TEMPOS PANDÊMICOS NO CEMITÉRIO SENHOR DA BOA SENTENÇA

---

RITUAL, MOURNING AND MEMORY ON THE DAY OF THE DEAD IN PANDEMIC TIMES AT SENHOR DA BOA SENTENÇA CEMETERY

**Weverson Bezerra Silva<sup>1</sup>**

<https://orcid.org/0000-0003-3364-7938>  
<http://lattes.cnpq.br/4054451511593656>

**Uliana Gomes da Silva<sup>2</sup>**

<https://orcid.org/0000-0002-3983-0912>  
<http://lattes.cnpq.br/2688821096292560>

**João Vítor Velame<sup>3</sup>**

<https://orcid.org/0000-0002-7065-2245>  
<http://lattes.cnpq.br/5970610283993286>

**RESUMO:** O presente artigo parte de relato etnográfico desenvolvido no cemitério Senhor da Boa Sentença, localizado em João Pessoa, no Estado da Paraíba, objetivando desenvolver reflexões acerca dos rituais de culto aos mortos no cemitério em contexto de pandemia de COVID-19. A construção deste texto é perpassada pelos dados provenientes do trabalho de campo por meio da observação, anotações, diário de campo, fotografias, conversas informais (com visitantes, funcionários formais e informais e comerciantes), no cemitério no período em que estávamos em campo. As análises antropológicas presentes nesta produção dialogam com os estudos sobre a morte e o morrer, que se configuram como um modo de compreendermos a nossa forma de vivenciarmos e agirmos dentro do meio social enquanto indivíduos inseridos em uma sociedade que tem, na sua estrutura, a valorização, o respeito e o culto aos que morreram. Os cemitérios, na sociedade brasileira, são espaços que refletem o modo como as pessoas agem frente à morte e ao morrer, bem como o lugar reflete a forma social, cultural, econômica e política como a sociedade se estrutura.

---

<sup>1</sup> Doutorando e Mestre em Antropologia (PPGA/UFPB); licenciado e Bacharel em Ciências Sociais, ambos pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Especialista em Tanatologia: sobre a morte e o morrer, Cuidados Paliativos e Antropologia Forense (Educaminas). E-mail: [weversonsilbez@gmail.com](mailto:weversonsilbez@gmail.com).

<sup>2</sup> Cientista Social, Professora substituta no Departamento de Ciências Sociais, Doutoranda e Mestra em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba (PPGA/UFPB). E-mail: [uliana.gomes@hotmail.com](mailto:uliana.gomes@hotmail.com).

<sup>3</sup> Doutorando (2023) em Ciências Sociais (PPCIS/UERJ). Mestre em Antropologia Social (PPGA/UFPB), com graduação em Antropologia, com habilitação em Antropologia Visual, ambos pela Universidade Federal da Paraíba (Campus I e IV). E-mail: [joaovictorvelame@gmail.com](mailto:joaovictorvelame@gmail.com).

**Palavras-Chave:** A morte e o morrer; Cemitério; COVID-19; Dia de Finados, Rituais.

**ABSTRACT:** This article is based on the fieldwork at a cemetery, Senhor da Boa Sentença located in João Pessoa in the state of Paraíba, the aim is to develop reflections on the rituals of worship to the dead in the cemetery in the context of the covid-19 pandemic. The construction of this text is permeated by data from fieldwork through observation, notes, drawings, photographs, informal conversations (with visitors, formal and informal employees and merchants), in the cemetery during the period we were at the field. The anthropological analyzes present in this production dialogue with the studies on death and dying that configures itself as a way of understanding our way of experiencing and acting within the social environment as individuals inserted in a society that has in its structure the valorization, respect and worship to those who died. Cemeteries in Brazilian society are spaces that reflect the way people act in the face of death and dying, as well as the place reflects the social, cultural, economic and political way in which society is structured.

**Keywords:** Death and dying; Cemetery; COVID-19; Day of the dead, Rituals.

## INTRODUÇÃO

Esse artigo começou a ser elaborado diante dos nossos questionamentos sobre a morte e o processo de morrer em tempos pandêmicos. Sentimentos como: distanciamento do corpo morto, medo, angústia, luto não sentido e desamparo de pensar que o corpo morto não fez parte desse processo de “rito de passagem”. Essas definições interferem diretamente quando refletimos sobre a morte e o morrer nas relações sociais, pois começa abrindo espaços para um ritual técnico e com medidas de biossegurança no Dia de Finados. Ao longo deste artigo, há reflexões sobre ambientes e instituições com seus espaços votivos individuais e coletivos especificamente sobre o cemitério Senhor da Boa Sentença e o cemitério da cidade de Pilar, ambos localizados no Nordeste Paraibano.

Em tempos de distanciamento social devido à COVID-19, no dia dos mortos, o sistema organizacional dos cemitérios inclui pensar nas estruturas do estabelecimento de modo a elaborar estratégias de biossegurança sobre o corpo e o relembrar a despedida (SILVA; SILVA, 2020). Esses espaços evidenciam a riqueza de detalhes de estudos de crenças, relação de memória com todo o seu simbolismo religioso e econômico e, agora, durante a pandemia, o distanciamento dos afetos.

O campo pesquisado é o cemitério Senhor da Boa Sentença, que, até a década de 1930, foi administrado pela Santa Casa da Misericórdia. Localiza-se na Rua Sebastião de Oliveira Lima, 674, em frente à Praça Dia de Nóbrega, uma praça que fica sempre cheia de moradores

e comerciantes que trabalham diretamente com produtos para o cemitério. Pessoas que trabalham lá relatam que esse é o segundo cemitério de João Pessoa, Paraíba, pois existia outro antes dele, mas foi desativado, e todos os corpos foram transferidos para o do Varadouro.

A realização da pesquisa deu-se nos dias 31 de outubro e 02 de novembro de 2021, na preparação e na concretização do *dia dos mortos*. Realizamos uma visita conjunta no dia anterior para conversar com os funcionários sobre as questões organizacionais e observar como o espaço estava sendo ocupado pelas pessoas um dia antes. Circulamos por todo o espaço do cemitério, assim como pelo espaço ocupado pelos comerciantes na frente dele. Nosso trabalho de campo teve início com diálogos e questionamentos entre nós, sobre o lugar, objetivando adentrarmos ao campo com algumas informações prévias. Isso foi possível, pois um dos pesquisadores desenvolveu pesquisa durante sua graduação naquele espaço. Também foi necessário nos debruçarmos sobre a literatura especializada sobre o tema, para melhor conduzirmos nossas reflexões.

A ida ao cemitério no período da tarde no dia 31 de outubro de 2021 ocorreu na companhia de mais dois pesquisadores da área, o que nos permitiu conversar sobre o tema enquanto circulávamos no espaço. Uma visita exploratória e contextual sobre os aspectos da morte e do morrer.

No dia seguinte (no período da manhã), adentramos o espaço do cemitério no Dia de Finados com um roteiro de observações e questionamentos acerca do nosso objetivo de pesquisa (compreender as estratégias frente ao culto aos mortos no contexto de pandemia de COVID-19, especificamente no cemitério Senhor da Boa Sentença, em João Pessoa). Circulamos pelo espaço, e cada um dirigiu-se a um local no cemitério para fazer observação e conversar com as pessoas, ali presentes, quando possível. Utilizamos caderno de campo para fazermos anotações e diário de campo, além de celular, para registrarmos as imagens como ferramentas de registros.

Pesquisar as questões ligadas à morte por meio de reflexões antropológicas configura-se como importante para o desenvolvimento da compreensão acerca dos fenômenos sócio-históricos que compõem a sociedade em que vivemos. No tocante aos estudos sobre os cenários e aos aspectos que compõem a morte e o morrer no Brasil, pode-se afirmar que são diversos, complexos e essenciais para compreendermos o processo de organização e estruturação da sociedade em que vivemos, como podemos perceber a partir das seguintes produções: Martins (1983); DaMatta (1986); Reis (1991); Rodrigues (1997;2005); Motta(2009); Reesink (1995); Rodrigues (2006).

Em teor de problematização, consideramos que o cemitério envolve um complexo simbólico que é algo particular e, ao mesmo tempo, universal. O *Dia dos Mortos ou o Dia de Finados* consiste em um acontecimento considerado como sendo algo universal, tendo a suas peculiaridades de acordo com o contexto no qual o grupo ou o indivíduo está inserido. Diante disso, é pertinente refletir sobre como o Dia de Finados está se organizando em tempos pandêmicos. Como as relações entre biossegurança e o controle das emoções dos corpos se encontram nesse momento do ritual? E como os processos de mercado dentro e fora do cemitério fortalecem o sistema simbólico do ritual?

O cemitério acaba sendo um espaço de sociabilidade para os vivos. De acordo com Reesink (2012), essa relação do cemitério com o grupo destaca que as pessoas que afirmam ir aos cemitérios no Dia de Finados fazem-no para matar a saudade de um parente ou amigo morto. Refletindo nisso, outra questão a ser refletida é como se deu o processo de sociabilidade dos vivos para com os seus mortos.

Esta dificuldade de pensar o cemitério como algo significativo está no âmbito do entendimento da organização social como fundamental na cultura de uma sociedade, a qual está totalmente relacionada à construção histórica dos cemitérios e seus processos de distanciamento, assombro e planejamento higienista.

Toda essa construção histórica do cemitério nos leva a pensar como os protocolos de cuidados dos corpos que cultuam os mortos elaboram formas de cultuar quem celebra o morto. Dependendo das regras locais, o culto aos mortos teve o seu acesso limitado e restrito.

O artigo divide-se da seguinte forma: inicialmente, uma reflexão sobre o significado do Dia de Finados/Dia dos mortos na cultura brasileira. Posteriormente entender esse “novo normal” e as medidas de biossegurança sendo uma forma de manter as práticas culturais com os mortos. E, para finalizar, relatamos a comercialização no cemitério e o mercado simbólico para o viver da morte.

## **O DIA DE FINADOS DISTANCIADO: O PROTOCOLO DO NOVO NORMAL**

O Dia de Finados/Dia dos mortos significa algo que findou, acabou ou morreu, sendo um feriado religioso, dedicado a orações e a homenagens de diversas formas aos entes queridos que já partiram, como entregar de flores, fazer uso de objetos simbólicos e acender velas. É um momento favorável para solidarizar-se com o seu morto, orando a Deus pelo perdão dos seus

pecados e pela sua salvação. Mas é momento também de pedir e agradecer à alma do seu ente falecido por possíveis interseções, muitas delas, inclusive, já realizadas (ARAÚJO, 2009, p.40).

Quando refletimos sobre o processo ritualístico ligado ao morrer, percebemos que a morte não pode ser entendida em sua totalidade como algo negativo, mas algo criativo à medida que oferece condições para ritualizar e reatualizar o sistema simbólico, que mobiliza a estrutura de determinados grupos (MOTTA, 2009). E o Dia de Finados inicia esse processo de interação, de significados com seus símbolos e toda uma construção de sagrado com os aspectos da religiosidade.

Mauss (2005) colabora ao refletir sobre as “expressões obrigatórias dos sentimentos”, destacando o processo de ritual oral dos cultos funerários australianos que são realizados com expressões e emoções como formas coletivamente demonstradoras do sentimento de luto para os enlutados na companhia do corpo morto. Essas ritualizações são fenômenos sociais, são linguagem, expressões de sentimentos e formas culturais. Refletindo com o pensamento de Mauss (2005), estar próximo ao contato com o corpo é uma forma de dar sentido ao luto, e as práticas do Dia de Finados sendo uma continuidade das expressão de sentido para o enlutado.

Frente a esta colocação, podemos pensar o dia de Finados como fazendo parte deste processo de ritualizar e reatualizar as relações sociais que envolvem a sociedade nos processos sociais. Reesink (2010), em diálogo com dados levantados por Schmitt (1999), afirma sobre esse dia.

O dia de Finados, que ocorre em 2 de novembro, teve início no século XI, sendo o dia designado pela Igreja Católica como data em que a Igreja Militante (os vivos católicos) se lembra e se apieda da Igreja Penitente (as almas ainda não completamente salvas), sendo, portanto, uma data comemorativa muito antiga no calendário católico. Esta festa foi instaurada pelo Abade Odilon, de Cluny, França, por volta de 1030 (Schmitt 1999), expandindo-se, em pouco tempo, por todo o mundo católico como celebração de seus mortos (REESINK, 2010, 155-156).

Nos estudos sobre cemitério, a origem do Dia de Finados sempre tem várias vertentes. Estudos relatam ter ocorrido no século X, porém, antes desse século, já existia uma memória aos mortos nos tempos do pré-cristianismo no século II, um grupo do paganismo antigo que tinha suas práticas próprias na celebração à memória dos mortos<sup>4</sup>.

O Dia de Finados no Brasil é acompanhado de uma prática religiosa que consiste em visitar os túmulos. De acordo com o pensamento de Negrão (2014), um momento no qual é possível observar a comunhão simbólica entre os mundos visível e invisível, é a celebração do

---

<sup>4</sup> Dia de Finados: como a celebração dos mortos, que nasceu entre os pagãos, foi incorporada pela Igreja. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-46026338>. Acesso em: 26 fev. 2022.

Dia de Finados com suas rotinas e práticas em relação aos mortos. Esse é um momento em que as famílias costumam se reunir e se organizar para fazer os preparativos necessários, a fim de que os túmulos dos entes queridos já falecidos possam ser preparados, embelezados, limpos para a “festa” (p. 23). De acordo com Reis, 2009 *apud* Negrão, 2014:

[...] o dia 02 de novembro passou a ser o dia especial dedicado à memória dos que faleceram, cabendo aos vivos a iniciativa de renovar, ano após ano, os laços para com aqueles que partiram desta vida. O fato de se ter um dia dedicado aos mortos no calendário católico ratifica a crença na vida eterna e necessidade de orações para com os mortos, na esperança que seus pecados sejam perdoados e, assim, possam estar na presença de Deus (REIS, 2009 *apud* NEGRÃO, 2014).

Lembrar-se do seu falecido no Dia de Finados é recorrer para uma comemoração que tem uma perspectiva religiosa, cheia de recordação aos mortos. É uma interseção na expectativa de que o falecido esteja em um “bom lugar”, termo que prevalece no discurso de cerimônias católicas ocorridas em cemitérios no Dia de Finados. Araújo (2009) enfatiza esse pensamento em tal data, que é uma grande comemoração festiva da morte. Segundo Silva (2015), “O dia de Finados é o dia para visitar o cemitério, levar flores para o defunto, acender velas, orar ou rezar, assistir às missas” (p.50).

Libanio (2008) faz uma crítica sobre relacionar o dia de Finados denotando como um feriado festivo, pois isso ressalta que a visita aos túmulos, nesse momento festivo, aponta para o cuidado humano no último espaço terrestre:

O desinteresse social e a mera comercialização da festa de Finados, ao reduzi-la a puro feriado, denotam perda de substância ética de um povo. A compra de flores, a visita aos túmulos, as celebrações religiosas, como a lembrança ritual dos mortos, apontam-nos para a dimensão do nosso cuidado humano até mesmo para com os que nos deixaram. Revelam a origem última do apelo ético: o traço transcendente de todo ser humano. Ele não cabe nem no tempo nem no espaço de sua vida. Lá no túmulo não está o nada, mas o último sinal terrestre de sua grandeza (LIBANIO, 2008, p. 19).

Com essa afirmação de Libanio (2008), a celebração da lembrança ritual dos mortos destaca uma dimensão do nosso cuidado humano para os que morreram. E esse ritual tem uma estrutura em seus sistemas de valores que no momento da pandemia os enlutados utilizaram estratégias para o cumprimento do ritual.

## **O RITUAL E AS MEDIDAS DE BIOSSEGURANÇA NA CIDADE DOS MORTOS**

Antes da chegada ao cemitério, elaboramos estratégias para nos mantermos longe da propagação do vírus. As medidas de biossegurança consistem em uma forma de vivenciar o “novo normal”, como estratégias de manter as práticas culturais com os mortos.

Na cidade de João Pessoa, onde se realizou pesquisa, foi elaborado o “Protocolo do novo normal Dia de Finados”<sup>5</sup>, um documento que tem como objetivo reunir orientações para gestores, trabalhadores e para a população em geral sobre práticas adequadas ao enfrentamento da disseminação da COVID-19 dentro dos cemitérios da Paraíba.

O governador estava sempre em comunicação com a existência de um protocolo sanitário para os setores privados e públicos manterem as suas práticas culturais com os mortos nos cemitérios. O objetivo do protocolo sanitário é, com base em evidências, determinar as medidas de controle para prevenção da infecção pelo novo coronavírus. Existe um processo de cultos aos mortos dentro dos cemitérios perto da capela, como de costume, assim como as vendas de mercadorias e o apoio social para os enlutados das dependências deles.

Foram determinadas as seguintes regras para os trabalhadores, os enlutados e para nós, pesquisadores. Primeiro, manter a distância social mínima de 1,5m de um para o outro. Houve momentos do campo em que conseguimos presenciar esse distanciamento, porém, em outros momentos, eram inevitáveis os apertos de mão seguidos de abraços com lágrimas. Nesse dia de visita ao cemitério, estava acontecendo um sepultamento nas covas rasas. Usar máscaras, usar álcool em gel também foram exigências para circular no espaço.

Na entrada do cemitério, havia duas funcionárias aplicando álcool nas mãos dos visitantes e aferindo a pressão. Pessoas com febre, tosse, congestão nasal, coriza, dor de garganta, fadiga, cansaço, diarreia e dificuldade de respirar foram orientadas a evitar idas aos cemitérios ou a celebrações religiosas, dentro e fora dos cemitérios. Pois a progressão dos sintomas indica que se deve procurar com urgência um atendimento médico, então, as medidas de acesso ao cemitério aconteciam com essa aferição. Só aqueles com temperatura “normal”, verificada à entrada, poderiam entrar no local.

O manual e as orientações que passavam na televisão fortaleciam que evitassem ir aos cemitérios e às celebrações religiosas as pessoas do grupo de risco (idade igual ou superior a 60 anos; pessoas com cardiopatias graves ou descompensadas – insuficiência cardíaca, cardiopatia isquêmica); pneumopatias graves ou descompensados por asma moderada/grave,

---

<sup>5</sup> Protocolo novo normal “Dia de Finados”, disponível em: <https://paraiba.pb.gov.br/diretas/saude/coronavirus/arquivos/dia-de-finados-1.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2022.

DPOC; doenças renais crônicas em estágio avançado – graus 3, 4 e 5; diabetes *mellitus*, conforme juízo clínico; doenças cromossômicas com estado de fragilidade imunológica; gestação e puerpério; pessoas com deficiências cognitivas físicas; estados de imunocomprometimento, devido ao uso de medicamentos ou a doenças, incluindo os portadores de HIV/AIDS e neoplasias; doenças neurológicas, de acordo com o Ministério da Saúde). Com essas restrições de pessoas, podemos perceber que visitar os mortos em tempos de pandemia seria algo que traria risco de morte, a morte sobre a qual estamos falando no decorrer do artigo. Como visitar seus mortos se o seu corpo está em risco?

Além desses corpos sob rótulos do risco, seria necessário levar garrafa com água de uso individual, pois os bebedouros do cemitério estavam disponíveis para o uso apenas dos funcionários, e o álcool gel virou um acessório importante para limpar as mãos ao entrar e sair do ônibus, *Uber* e demais formas de transporte, como também no cemitério. Cabe destacar que uma prática que já acontecia anteriormente à pandemia, e foi intensificada, é o *limpa-se*: lavar bem as mãos e limpar os pés ao sair do cemitério, por toda uma questão social sobre o local ser “sujo”.

Uma das questões sobre as quais refletimos foi a orientação da permanência no cemitério, tendo uma orientação para permanecer no local por um curto período. Comprar velas e flores, limpar o túmulo, assistir à missa, conversar com os familiares nos corredores, fazer um lanche comprado aos ambulantes e conversar com os apoiadores sociais, que verificam a pressão (entre outros serviços básicos de saúde). Todas essas ações deveriam ser muito rápidas (digamos, até com pouca emoção), existindo o sentimento de medo, tornando esse processo como algo meramente técnico ou até mesmo um cumprimento da obrigação.

As recomendações também estavam sendo direcionadas para as igrejas, no sentido de não realizar celebrações ou encontros nas capelas dos cemitérios. Porém, no cemitério Senhor da Boa Sentença, as cerimônias já não eram realizadas dentro da capela, mas em frente à capela, na rua central do cemitério, local rodeado de plantas.

Aumentou-se a quantidade de celebrações para, assim, haver mais opções de rotatividade dos enlutados, auxiliando as questões sanitárias. No cemitério pesquisado, havia seis missas nos seguintes horários: a primeira, às 7 horas – missa com padre Marcondes Meneses; em seguida, às 9 horas – missa com o arcebispo da Paraíba, Dom Frei Manoel Delson; depois, às 11 horas – missa com o padre Francisco de Assis Azevedo. Houve um intervalo na escala de duas em duas horas, e a celebração da tarde teve início às 15 horas, com o vigário geral da

Arquidiocese, Luiz Júnior, e a última, às 17 horas – missa com o padre Manoel Natalino Marques.

É perceptível, na pesquisa, que o maior número de enlutados concentrou-se nos primeiros horários. Cabe enfatizar que a missa mostrou-se uma conexão para as respostas de várias questões, conforme apontado por algumas pessoas com as quais conversamos. Percebemos que, em 2021, a missa direcionou os discursos para agradecer por termos conseguido sobreviver à pandemia – livrar da morte. E uma das frases que nos chamou atenção foi sobre a morte antecipada das vítimas do coronavírus. Em um momento da missa, o padre falou que *sobreviventes da pandemia deveriam seguir à risca os protocolos de biossegurança para respeitar os que se foram*. Nesse momento, enlutados que estavam com as máscaras no queixo levantaram-nas, para cobrir o nariz.

Face ao exposto, podemos afirmar que as regras para vivenciar o “novo normal”, devido à pandemia de COVID-19, estão presentes nos diversos espaços da organização social.

## **“VENHA COMPRAR SUA MÁSCARA”: O MERCADO DO VIVER DA MORTE**

Quando chegamos ao cemitério, percebemos a máscara como um utensílio compondo a diversidade de produtos à venda no comércio do *dia dos mortos*. De acordo com Albuquerque (2008), em torno da morte e do morrer, de um lado, há toda a questão da religiosidade (que são as práticas no Dia de Finados e o culto aos mortos) e, do outro, a sobrevivência dos ambulantes, como também das pessoas que fazem as limpezas dos túmulos, pois a devoção e o capitalismo acontecem de forma indissolúvel, transformando a morte em mercadoria. Então, neste momento, destacamos outro aspecto do Dia de Finados, que é o caráter econômico desse fenômeno.

De acordo com o pensamento de Silva (2019), conforme pessoas visitando o cemitério no dia 2 de novembro, aumenta também a presença de vendedores ambulantes e suas estratégias, tanto na rua em frente ao cemitério, na rua paralela da integração de João Pessoa do Varadouro, quanto em seu interior. Os ambulantes se concentram nesses espaços ocupando-se com a comercialização dos objetos, como velas e flores. Esses itens, assim como outros que são levados para os túmulos, podem ser vistos como formas de cuidado e obrigações para com os mortos, segundo Silva (2015). A autora afirma ainda que essas formas de agir estão relacionadas ao modo como as pessoas entendem a morte e o morrer. No interior do cemitério,

é possível encontrar outras pessoas oferecendo serviços, como limpeza, pintura, construção e ornamentação dos túmulos em troca de pagamento.

O recorte da pesquisa de Silva (2019) no cemitério Senhor da Boa Sentença foi em tempos anteriores à pandemia em questão, quando a máscara não disputava espaço com as velas, flores e lanche, brinquedos, bebidas alcoólicas, água de coco e material de papelaria. Além desses serviços relatados anteriormente, que são objetivos simbólicos, é pertinente evidenciar a compra-venda – dentro e fora do cemitério – de outros produtos, como pastel, espetinhos de carne, pipoca, caldo de cana, cachorro-quente, sorvetes, entre outros.

Negrão (2014) relata que, no período matutino do Dia de Finados (recebido ou lembrado sentimentos de pesar), faz-se limpeza nos túmulos, e são colocadas flores e velas. As mulheres zeladoras comercializam mão de obra do seu trabalho e fazem essas limpezas nas covas, cobrando um preço fixo. Porém, em uma queda no número de visitantes no Dia de Finados, devido à pandemia do coronavírus, as vendedoras tiveram um mercado baixo, e alguns enlutados contrataram o serviço para deixar o túmulo limpo. Solicitaram que fosse enviada uma foto para comprovar a limpeza, e o pagamento foi realizado via Pix.

Os cuidados, nesse momento do Dia de Finados, em sua maioria, são direcionados às mulheres, as quais fazem as limpezas. Também na entrada do cemitério, fica uma fileira de mulheres negras com as suas vassouras, balde e produtos de higiene, dizendo a seguinte frase: “*Bora fazer a limpeza hoje*”, esperando uma chamada de um enlutado para realizar a limpeza.

De acordo com Perrot (2017), no culto dos mortos, as mulheres tinham a incumbência do cuidado com os túmulos. Florir e limpar os túmulos eram tarefas atribuídas às mulheres e filhas, pois o cemitério está totalmente relacionado à última morada, conseqüentemente, também a uma dependência do cuidado da casa, posição ocupada pela mulher. Foi perceptível, em tempos de pandemia, o cuidado das mulheres enlutadas na limpeza dos túmulos, fazendo parte do seu ritual. A maioria das mulheres que estavam no Dia de Finados, durante o período pandêmico, compunha-se de uma geração mais nova dos anos anteriores. Conversamos com algumas enlutadas, e elas enfatizaram a importância de ir ao cemitério no dia dos mortos para dar continuidade à tradição de suas mães e avós, as quais não podiam ir, devido ao fato de pertencerem ao grupo de risco.

Outro grupo que presenciamos no local consistia em empresas mortuárias e de cemitérios privados, que fazem a distribuição de panfletos e a comercialização de produtos após a morte. De acordo com o pensamento de Silva (2019), no cemitério Senhor da Boa Sentença, na entrega dos panfletos, inicia-se um discurso de venda, percebendo-se que os visitantes são mais

suscetíveis aos pacotes e planos funerários, devido às emoções condizentes com o contexto do Dia de Finados. Constatou-se que a procura acontecia, e as perguntas sobre os planos eram frequentes, principalmente no período de pandemia. Percebemos que a comercialização privada dos elementos da morte e do morrer aumentou consideravelmente no citado período, fato que precisa e merece ser aprofundado em outra pesquisa futuramente.

Observamos que, em sua grande maioria, eram indivíduos negros realizando os serviços de limpeza e de comercialização. A relação das trocas comerciais esteve presente e é marcada por diferentes atores sociais que ali exercem algum tipo de ofício ou ocupação. Um outro exemplo são os ambulantes e vendedores informais, vendendo água dentro do cemitério durante o dia. Estes, em sua maioria, possuíam recipientes térmicos para armazenar a água ou saíam com as garrafas de água na mão, vendendo-as e servindo os visitantes.

A comercialização de água dava-se por mulheres e homens adultos, porém também muitas crianças e adolescentes faziam comércio no ambiente. Durante o momento da missa, foi possível observar uma mulher vendendo água. Ela vestia uma blusa, em cuja estampa se lia "amor eterno de mãe", com a imagem dela e de uma senhora. O momento do luto, para alguns, é, ao mesmo tempo, o do trabalho. A citada senhora comercializava ao mesmo tempo em que acompanhava a missa.

Entre o portão de entrada do cemitério e a capela, havia um grupo de homens na calçada principal distribuindo *fitinhas* e *santinhos*<sup>6</sup>. Também vendiam terços. De forma diferente dos vendedores ambulantes e de outros comerciantes, estes homens utilizavam uma outra estratégia de venda, normalmente entregando o material na mão das pessoas ou enrolando a fita em seu braço, deixando a fita cair, entre outras estratégias, para despertar a atenção do outro, com uma proposta de gratuidade.

Um dos jovens homens relata que "*vêm de bom coração*" e são gratuitas. Eles só recebem dois ou cinco reais de volta. Assim, mesmo *dando, de bom coração*, recebem doações monetárias em troca, utilizando uma prática religiosa a partir de um discurso emotivo, para que os indivíduos investissem um valor do capital. Era necessário haver esse retorno do capital. Caso não houvesse, os homens de volta os santinhos e fitas.

Entre fitinhas, santinhos, terços coloridos (foi possível observar as mais variadas cores, entre branco, amarelo e cores mais vibrantes, como rosa e verde fluorescente), venda de água,

---

<sup>6</sup> Destacamos em itálico por ser uma categoria colhida em campo. Santinhos são folhetos com mensagens religiosas e arte sacra, enquanto as fitinhas são chamadas de medida, como a medida do Senhor do Bonfim, e representam amuletos.

alimentos, etc., percebeu-se a forte circulação de capital monetário dentro e fora do cemitério, o mercado do viver da morte. Se, por um lado, existe um lugar das trocas, como os mercados públicos e feiras-livres, pode-se obter o preenchimento das ruas dentro e fora do cemitério a um mercado de trocas do luto que preenche a vida de muitas famílias brasileiras.

Desta forma, por um lado, as feiras livres e mercados públicos fazem parte do cotidiano de muitas famílias brasileiras, seja para realizar atividades comerciais, encontrar os amigos, realizar cerimônias e festividades religiosas, comer comidas regionais e até mesmo ir à procura de lazer. O mercado do viver da morte é marcado para além da mercantilidade e do trabalho, mas também um lugar de sociabilidade que coincide com esse tempo de organizar, montar e reelaborar estratégias de venda e das artes de vender.

Para que aconteça este evento, é preciso um esforço para a organização deste lugar, percebendo-se, assim, o constante uso de instrumentos com rodas, utilizados para carregar, descarregar, transitar, empurrar, subir e descer com mercadorias e outros instrumentos que tornam este mundo habitável (INGOLD, 2012), para que aconteçam as trocas mercantis.

Estes instrumentos são utilizados das mais diversas formas por diferentes atores sociais, para carregar produtos até o ambiente do cemitério, como é o caso da venda de flores e de velas, o uso dos carrinhos servindo como bancos de madeira de feira para vender alimentos, os carrinhos de mão do açaí e da água de coco, entre outros instrumentos. Esses instrumentos com rodas ganham o caráter de uma extensão do corpo humano (GOURHAN, 1993), tendo em vista as técnicas corporais, sendo o corpo o primeiro instrumento e o mais natural (MAUSS, 1974:407). Assim, em seu cotidiano, cada indivíduo utiliza-se das mãos, do caminhar, do olhar, entre outras forças do corpo, sendo possível observar esta relação na comercialização do mercado informal entre comerciantes, ambulantes e outros atores sociais dentro e fora do cemitério, gerando, assim, uma relação entre tempo, espaço e trabalho.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Refletir sobre o contexto da morte e do morrer no período de pandemia de COVID-19 a partir do trabalho de campo realizado no dia 2 de novembro (Dia de Finados), no cemitério da Boa Sentença, colocou-nos em contato com o modo de vivenciar os rituais no espaço cemiterial em um contexto permeado por modificações, devido ao citado contexto pandêmico. Este texto é resultado das nossas imersões dentro dos estudos antropológicos sobre morte com base na literatura sobre o tema e nas pesquisas de campo no cemitério.

Os rituais de culto aos mortos na nossa organização são construídos pelo processo de socialização e sociabilidade, com base nos aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos que alicerçam as estruturas de funcionamento da sociedade.

O modo como as pessoas organizam-se e agem no espaço do cemitério foi se reconfigurando devido às exigências frente ao que estamos vivenciando desde março de 2020 (cenário pandêmico). As mudanças são reflexões da necessidade de adaptações no meio social, para que seja possível manter a ritualização aos mortos e combater o novo coronavírus. Logo, cemitério é um espaço permeado de sentidos e significados diante do enfrentamento da morte, conforme estudos voltados a essa temática têm nos mostrado, assim como as pesquisas de campo desenvolvidas no cemitério.

Este espaço recebe cuidados, mostra-se como local de trabalho que gera renda, tem disputa de poder e hierarquias, e o cemitério revela as diversidades culturais, econômicas, políticas e sociais da sociedade brasileira. E, assim, estudar os aspectos ligados à morte e ao morrer mostra-se como uma forma de compreendermos a nossa forma de vivenciarmos e agirmos dentro do meio social.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria das Graças Ferreira de. **Pequenas romarias para pequenos santos: um estudo sociográfico sobre o dia de Finados**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Belo Horizonte, 2009.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes antropológicos**, vol.18, n.37, p. 25-44, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/JRMDwSmzv4Cm9m9fTbLSBMs/?lang=pt>. Acesso em: 00 xxx. 0000.

LEROI-GOURHAN, A. **L'uomo e la materia**. Milano: Jaca Book, 1993.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MARTINS, José de Souza (Org.). **A Morte e os Mortos na Sociedade Brasileira**. Seminário Interdisciplinar, Universidade de São Paulo. São Paulo: Hucitec, 1982.

MOTTA, A. **À flor da pedra**. Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros. Recife: Massangana, 2009.

NEGRÃO, Marcus Vinícius Nascimento. **Iluminando os mortos**: um estudo sobre o ritual de homenagem aos mortos no Dia de Finados em Salinópolis – Pará. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

PERROTTI, Edmir. Sobre informação e protagonismo cultural. *In*: GOMES, Henriete Ferreira. **Informação e protagonismo social**. Salvador: EDUFBA, p. 11-26, 2017.

REESINK, Mísia Lins. **Morte, católicos e imaginários**: o caso do Alto do Reservatório. 1995. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995. Publicada pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia, UFPE, em 2016. Disponível em: <https://editora.ufpe.br/books/catalog/download/271/280/820?inline=1>. Acesso em 17 ago. 2023.

REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RODRIGUES, Cláudia. **Lugares dos mortos na cidade dos vivos**: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1997. 274 p.

RODRIGUES, Cláudia. **Nas fronteiras do Além**: A secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX). Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 2005. 390 p.

RODRIGUES, J. C. **Tabu do Corpo**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006.

SILVA, Weverson Bezerra. **“Lembre de mim”**: um olhar antropológico sobre o Dia dos Mortos no Cemitério Senhor da Boa Sentença em João Pessoa - PB. 2019. 90 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

SILVA, Weverson Bezerra; SILVA, Uliana Gomes da. Reflexões antropológicas sobre a COVID-19 e o corpo morto. **Áltera**, João Pessoa, v. 2, n. 10, Número Especial, p. 65-72, outubro 2020.